


MEDIAÇÕES

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

 10.5433/2176-6665.2025v30e53390p1


PARECER 1

Sonia Maria Giacomini 
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro
(PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil)
sgiacom@puc-rio.br

Dados do artigo avaliado:

NETTO, Felipe Bandeira. Ser com: masculinidades negras na África do Sul pós-apartheid. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 30, p. 1-13, 2025. DOI: 10.5433/2176-6665.2025v30e53390. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/53390>. Acesso em: 20 dez. 2025.

Correspondência com a autoria:

Felipe Bandeira Netto 
Universidade Federal do Pará
(PPGSA/UFPA, Belém, PA, Brasil)
felipe.netto@ifch.ufpa.br

Completo em: 2025-10-16 02:57 PM

Recomendação: Correções Obrigatórias

1. O assunto tratado no artigo é relevante para as Ciências Sociais?

O artigo trata de tema de interesse e de grande atualidade, discutindo as masculinidades negras na África do Sul Pós-Apartheid.

2. O artigo é redigido de forma clara e consistente?

Apesar do texto estar bem escrito, recomendo uma revisão gramatical ortográfica (pontuação, concordância), pois notei alguns erros, provavelmente também decorrentes de falhas de digitação.

3. Há uma introdução na qual sejam apresentados claramente o objetivo e a justificativa do trabalho?

No artigo há uma introdução em que os objetivos e o campo estudado estão claramente definidos. Ali também já se encontram informações sobre a pesquisa que deu origem ao texto e, talvez prematuramente, também foram incluídos alguns itens da conclusão que estão repetidos, quase no mesmo formato, ao final do artigo.

4. O trabalho apresenta contribuições teóricas inovadoras?

O texto tem seu maior mérito na escolha, apresentação e discussão do referencial teórico sobre identidade, identidade negra e masculinidades negras, residindo aí, a meu ver, a sua maior contribuição, que pode ser considerada inovadora.

5. O trabalho apresenta contribuições empíricas ou metodológicas inovadoras?

É resultado de pesquisa original com realização de trabalho de campo relativamente longo em Johannesburgo. Sobre as opções metodológicas, destaque-se a procura de referenciais consistentes para sustentar e desenvolver reflexão crítica inovadora alternativa à colonialidade e à violência epistêmica no tratamento das masculinidades negras no contexto estudado.

6. As interpretações e conclusões estão demonstradas (de forma clara e satisfatória?)

Em geral, as interpretações são claras e foram satisfatoriamente desenvolvidas, mas assinalo no item 8, abaixo, aspecto que a meu ver, deve ser revisto.

As conclusões são condizentes com a discussão teórica que estrutura o texto, mas a dimensão etnográfica, que é original e parte significativa da pesquisa realizada, me parece estar mal retratada e pouco aproveitada. Falta o contexto e a vida vivida informando e dando forma às conclusões a respeito de como operam as construções e especificidades das masculinidades negras. Na falta de elementos etnográficos, as

conclusões parecem desencarnadas e, embora relevantes, muito genéricas. Além disso, essas conclusões se repetem em vários momentos do texto.

7. O resumo e as palavras-chave expressam bem o artigo?

Sim, o resumo está condizente com o texto apresentado e as palavras-chave são adequadas.

8. Há necessidade de modificação para tornar o artigo mais adequado à publicação?

(Se houver, explicita-as no quadro abaixo, expondo as razões para tanto. Pedimos que, caso julgue que o artigo precisa de correções, leve em consideração em sua decisão que Mediações não publica artigos cujas versões finais contem com mais de 66.000 caracteres com espaços.)

1. Incluir na bibliografia autor e ano de obra e obra citados no texto, na página 6: Trouillot (1995).

2. Recomendo uma revisão da explicitação da metodologia adotada, em particular no que concerne a fundamentação apresentada para excluir do texto a fala direta dos interlocutores. Essa justificativa, reproduzida abaixo, deverá ser mais convincente e melhor desenvolvida:

“A recusa à transcrição literal das falas dos interlocutores é parte de uma decisão epistemológica fundamentada. As palavras dos sujeitos não foram mobilizadas como informações ou dados brutos ou ilustrações de categorias prévias. Essa escolha metodológica não decorre apenas de uma sensibilidade ética, mas se ancora na crítica de Trouillot (1995) ao processo de produção de silêncios nas narrativas acadêmicas. Ele demonstra como as formas de registro e arquivamento selecionam o que pode ou não pode ser dito, e alerta para os riscos de reiteração da violência epistêmica em práticas aparentemente neutras de representação. Ao trazer essa reflexão para o contexto da pesquisa, compreende-se que a exposição direta das falas poderia, neste caso, operar mais como reprodução de um regime de visibilidade disciplinador do que como dispositivo de escuta”.

Na argumentação acima apresentada não fica claro porque “a exposição direta das falas” levaria, por si só, à “reprodução de um regime de visibilidade disciplinador”; nem tampouco porque a opção pela não exposição dessas falas, ao contrário, deveria funcionar melhor como “dispositivo de escuta”. O texto abre e em seguida deixa no ar uma questão central: a de como a escolha metodológica assinalada – a “exclusão da fala direta dos interlocutores” – levaria senão a suprimir, ao menos a dirimir os riscos de reiteração da violência epistêmica, indo assim ao encontro das críticas formuladas por Michel-Rolf Trouillot ao processo de produção de silêncios nas narrativas acadêmicas.

Acredito que essa parte do texto, como está, sugere existir uma relação direta, simplista, entre a forma de exposição e divulgação dos registros etnográficos e a qualidade ou natureza da experiência etnográfica como uma relação. De fato, sem maior fundamentação, a “recusa à transcrição literal das falas dos interlocutores” parece fazer ressoar uma nota um tanto ingênua que destoa da abordagem bem mais sofisticada e

complexa presente na maior parte do artigo. Tal recusa parece consistir em uma espécie de antídoto para enfrentar desafios de grande monta e de enorme envergadura, como a questão crítica da reprodução da violência epistemológica. É o que se depreende da seguinte passagem, cuja revisão recomendo, que se encontra na página 6:

“Assim, seguir este caminho metodológico <isto é, o suprimir do texto a exposição direta das falas dos interlocutores> consiste em incorpor<ar> as falas e experiências dos interlocutores como forma e substância da análise, não como citação, mas como pensamento incorporado, reconstruído teoricamente”.

Não parece convincente a afirmação de que haja uma incompatibilidade entre a apresentação das falas como parte relevante do material etnográfico e o seu tratamento como “pensamento incorporado, reconstruído teoricamente”.

3. Acréscimos na bibliografia:

Os modelos de masculinidades hegemônicos e eurocentrados (página 8 e seguintes), não foram absolutamente o foco do artigo, a comparação com eles teve certamente como objetivo trazer à luz especificidades das masculinidades no contexto sul-africano estudado. Mas ‘para poder desenvolver uma abordagem comparativa, o texto esboça um modelo genérico das chamadas “masculinidades hegemônicas eurocentradas”, sobre a qual sabemos existir uma literatura bastante conhecida e relativamente abundante. Chama a atenção o fato de que não tenham sido citados ou sequer mencionados autores ou referências bibliográficas sobre essas masculinidades, nem mesmo as clássicas, e, no entanto, constituem as referências sobre as quais se baseia o referente comparativo construído. Recomendo que essas referências sejam explicitadas e incorporadas à bibliografia uma vez que trata-se de literatura sobre a qual se baseia o modelo contrastivo comparativo. Não fossem as limitações de espaço, acredito que o texto poderia ganhar ainda mais densidade caso fosse possível, além das diferenças, explorar na comparação também convergências entre as diferentes masculinidades.

9. Parecer quanto à publicação do artigo:

☐ Aceitar

☒ **Aceitar desde que observadas as correções obrigatórias**

☐ Rejeitar

10. Caso a decisão seja por correções obrigatórias, você deseja revisar a versão corrigida?

☒ Sim

☐ Não

11. Mediações incentiva e faculta a pareceristas a atuação segundo os princípios da avaliação informada (Ciência Aberta, SciELO, etc), que prevê, entre outras coisas, o diálogo entre autorias e pareceristas identificadas. Você deseja que esta avaliação seja aberta à(s) autoria(s) ainda no curso da avaliação, quando do primeiro envio dos pareceres?

☒ Sim

☐ Não

12. Você deseja ter seu nome publicizado como parecerista ao final do texto do artigo, caso o artigo venha a ser aprovado e publicado?

X Sim

☐ Não

13. Os pareceres constituem um novo tipo de literatura na metodologia SciELO e recebem tratamento similar aos artigos de pesquisa. Você autoriza *Mediações* a disponibilizar o texto ou trechos do texto de seu parecer?

X Sim

☐ Não